

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO  
BACHARELADO EM TURISMO**

**JOICYNILDE FREITAS BONETH**

**EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E TURISMO: uma união com a disciplina de História  
em direção ao conhecimento e a valorização da identidade amazônica**

**MANAUS  
2021**

JOICYNILDE FREITAS BONETH

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E TURISMO: uma união com a disciplina de História em direção ao conhecimento e a valorização da identidade amazônica

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas, como nota final para obtenção do título de Bacharel em Turismo, sob a orientação da professora Esp. Lúcia Cláudia Barbosa Santos.

MANAUS  
2021

## FICHA CATALOGRÁFICA

BONETH, Joicynilde Freitas

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E TURISMO: uma união com a disciplina de História em direção ao conhecimento e a valorização da identidade amazônica. / Joicynilde Freitas Boneth – Manaus, 2021.  
54f.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Lúcia Cláudia Barbosa Santos.

Monografia(Graduação) – Universidade do Estado do Amazonas – UEA.  
Escola Superior de Artes e Turismo – ESAT. Curso de Turismo -Bacharelado.

JOICYNILDE FREITAS BONETH

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E TURISMO: uma união com a disciplina de História em direção ao conhecimento e a valorização da identidade amazônica.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Grau de Bacharel em Turismo da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e aprovado, em sua forma final, pela Comissão Examinadora.

Aprovado em 20/12/2021

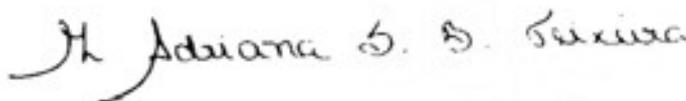
Nota Final = 10,0

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Lúcia Cláudia Barbosa Santos, Esp. - Orientadora**  
(Universidade do Estado do Amazonas – UEA)



---

**Maria Adriana Sena Bezerra Teixeira, Dr.<sup>a</sup>**  
(Universidade do Estado do Amazonas – UEA)



---

**Tur.<sup>a</sup> Márcia Raquel Cavalcante Guimarães, Dr.<sup>a</sup>**  
(Universidade do Estado do Amazonas – UEA)

## AGRADECIMENTOS

Deixo aqui o meu muito obrigado, igualmente a todos, que de alguma maneira, ajudaram-me no decorrer desse processo de formação.

## RESUMO

Esta pesquisa objetiva analisar como as escolas estaduais de Manaus trabalham nas aulas de história a educação patrimonial e o turismo como item de conhecimento e resgate da identidade amazônica. A metodologia utilizada caracteriza-se como estudo de caso, inserido no molde qualitativo-interpretativista. Para isso, iniciam-se as percepções da mesma, sobre a Educação Patrimonial e o Turismo como ferramenta de ensino-aprendizagem na escola pública estadual, com as séries do ensino médio, através de uma visão ampla e abrangente sobre sua prática pedagógica paralela a disciplina de História. Para dar sustentação a este estudo, esta pesquisa utilizou, entre outros conceitos, o de patrimônio cultural, educação patrimonial e turismo cultural: Carneiro *et. al* (2021), Constituição Federal de 1988; UNESCO, Horta *et. al* (1999), Beni (2007), entre outros autores. Em seguida, encontram-se as análises do questionário, destinado aos professores de história que ministram aulas para o ensino médio. Os resultados obtidos apontam que na opinião dos professores o ensino da educação patrimonial e o turismo nas escolas é importante, e que os temas, já foram mencionados ao menos uma vez em sala de aula durante alguns conteúdos sobre a história do Amazonas. Ainda segundo os entrevistados, em seu ponto de vista, os alunos pouco conhecem e valorizam a identidade amazônica.

**PALAVRAS-CHAVES:** Educação Patrimonial. Turismo. História. Valorização.

## ABSTRACT

This research aims to analyze how the state schools of Manaus work in history classes, heritage education and tourism as an item of knowledge and rescue of the Amazonian identity. The methodology used is characterized as a case study, inserted in the qualitative-interpretative mold. For this, the perceptions of it begin, about Heritage Education and Tourism as a teaching-learning tool in the state public school, with the high school grades, through a broad and comprehensive view of its pedagogical practice parallel to the discipline of History. To support this study, this research used, among other concepts, cultural heritage, heritage education and cultural tourism: Carneiro et. al (2021), Federal Constitution of 1988; UNESCO, Horta et. (1999), Beni (2007), among other authors. Next, there are the analyses of the questionnaire, aimed at history teachers who teach classes for high school. The results obtained indicate that in the opinion of teachers the teaching of heritage education and tourism in schools is important, and that the themes have already been mentioned at least once in the classroom during some contents about the history of Amazonas. Also according to the interviewees, in their view, the students know little and value the Amazon identity.

**KEYWORDS:** Heritage Education. Tourism. History. Appreciation.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Descrição Metodológica.....	30
Quadro 02: Identificando os entrevistados.....	33
Quadro 03: Conteúdos da disciplina de História, 2º anos do Ensino Médio.....	37

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Escola no bairro Centro.....	34
Figura 02: Escola no bairro Lírio do Vale.....	34
Figura 03: Alunos de turma do ensino médio, disciplina de História.....	35

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1. A INSERÇÃO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO BRASIL.....	15
2.1.1 O uso da Educação Patrimonial para o ensino da história.....	17
2.1.2 Educação Patrimonial, o ensino da história e história local.....	19
2.1.3 Educação Patrimonial e o Turismo Cultural como ferramenta de ensino.....	21
2.2 O CONHECIMENTO E A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE POR MEIO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O TURISMO NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA.....	24
3. DESENHO METODOLÓGICO.....	31
4. RESULTADO E DISCUSSÃO.....	34
4.1 A EXISTÊNCIA DE CONTEÚDOS RELACIONADOS A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O TURISMO NOS PLANOS DE AULA.....	35
4.2 IDENTIFICAÇÃO DO ESTUDO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL ASSOCIADO AO TURISMO E A DISCIPLINA DE HISTÓRIA.....	37
4.3 A ÓTICA DO PROFESSOR DE HISTÓRIA A RESPEITO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O TURISMO COMO FERRAMENTA DE ENSINO E VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE AMAZÔNICA.....	41
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICES.....	51
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	51
Apêndice B – Instrumentos da investigação.....	53

## 1. INTRODUÇÃO

O ensino da História, para muitos, se restringe a contar o passado do Homem conforme sua importância no mundo, resumindo-se assim em datas e feitos heroicos que este realizou ao longo de sua jornada. Ao se ver preso no ensino dessa História, os alunos se distanciam cada vez mais de desejar compreendê-la, assim como se distanciam da motivação de conhecer a própria história local de onde vivem.

A partir da ideia de ensinar aos alunos sobre a história local, a Educação Patrimonial e o Turismo se apresentam como uma ferramenta no ensino da História “Geral”, podendo ser aplicada na educação formal e não formal, com o objetivo de fazer uso dos patrimônios locais com o intuito de informar a comunidade da importância de preservá-los e valorizá-los a partir do seu reconhecimento como um bem pertencente a comunidade e de grande valor para a atividade turística local, despertando assim o sentimento de pertencimento da identidade local.

Portanto, dentro das práticas pedagógicas realizadas pelos professores da disciplina de história, desenvolver a união da educação patrimonial e o turismo em suas atividades, os torna agentes de transformações atuantes como um vetor educacional. Isto mostra um considerável avanço para que o turismo passe a ser trabalhado também dentro da educação formal.

### 1.1 PROBLEMÁTICA DE PESQUISA

A disciplina de história, ao ser trabalhada nas escolas, carrega a responsabilidade de transmitir o conhecimento sobre as ações, fases e contextos históricos que envolveu a vida do Homem durante o seu desenvolvimento em sociedade. Logo, no currículo escolar, a disciplina de história possui categorias específicas para serem abordadas no decorrer de todo o Ensino Básico (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) no intuito de contribuir para o aprendizado espaço-temporal da criança e do adolescente.

Do mesmo modo, Cardoso (2019, p. 11) reforça que no Brasil “as escolas primárias e secundárias começaram incluir em seus programas a história nacional com o intuito da formação da nacionalidade, sendo a pátria com seus heróis o principal foco.” A partir disso, percebe-se que atualmente a História do Brasil, ainda, permanece a ser ministrada como o grande foco, deixando em segundo plano o ensino da história local, como no caso desta pesquisa, a História do Amazonas.

Autores como, Cardoso (2019), Silva (2019) e Valera (2019), destacam a importância do ensino da história local como reforço da identidade do aluno uma vez que esta aproxima o aluno de sua própria cultura. Seguindo este pressuposto, ao integrar a educação patrimonial e o turismo na história local, faz com que os alunos interpretem e compreendam com mais facilidade os contextos sociais, culturais e históricos que fazem parte de suas vidas cotidianas, e que esses mesmos contextos, também estão presentes na atividade turística, podem ainda relacionar o passado e presente.

Existem diferentes maneiras de abordar a preservação e valorização da identidade amazônica, porém no ambiente escolar, a educação patrimonial junto do turismo, surgem como uma grande ferramenta capaz de melhorar a relação dos alunos para com os bens patrimoniais do seu Estado, assim como reafirmar suas heranças culturais que muitas vezes, pela falta de conhecimento acabam menosprezando sua própria identidade em razão da propagação da homogeneização da cultura e desconhecem o verdadeiro sentido e o valor de se desenvolver o turismo.

Dessa forma, discutir sobre a educação patrimonial e o turismo, paralelo no ensino da disciplina de História, se faz tão importante quanto, sendo possível dar sentido e utilidade aos alunos, o estudo da história local, despertando nestes jovens atores sociais o sentimento de pertencimento da cultura a qual os cerca, inclusive fazer um resgate da identidade amazônica. Vale frisar que, a educação patrimonial não adiciona conteúdo a disciplina de história, e sim, faz uso dos patrimônios para sensibilizar e auxiliar na educação dos estudantes.

As autoras Souza e Silva (2010) trazem como discussão o turismo como uma atividade da sociedade e que por sua vez, “não pode ser visto apenas na perspectiva do mercado e da atenção aos desejos dos turistas”. Isso significa dizer que, o turismo é mais do que uma atividade econômica e consumida apenas por turistas, é também em fenômeno construtivo e educador, e os estudantes, também tem um papel fundamental para o desenvolvimento da atividade, logo, o aluno precisa reconhecer esse papel para que no futuro possa participar ativamente no planejamento da atividade turística, além de valorizar sua história, seu patrimônio e sua identidade cultural.

Com base nos relatos acima se faz a seguinte problemática de pesquisa: ***Como as escolas estaduais de Manaus trabalham nas aulas de história a educação patrimonial e o turismo como item de conhecimento e resgate da identidade amazônica?***

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A criação da problemática partiu em razão de tentar compreender como as escolas do ensino básico, trabalham a identidade amazônica como forma de fortalecer nos estudantes o elo entre este e sua cultura através da educação patrimonial e o turismo em conjunto com a disciplina de história. Para Cardoso (2019, p. 12) os estudantes compreenderão a história como algo que faz parte de suas vidas, tornando-se sujeitos da história, com sentimento de pertencimento que poderá ajudá-los a manter ou modificar a realidade que os rodeia.

Acredita-se que o estudo seja relevante para academia, pois investiga o objeto de pesquisa sob a perspectiva de discutir como a educação patrimonial e o turismo possam se tornar um dos caminhos para o conhecimento e assim cooperar para a valorização da identidade amazônica desde o ensino básico, já que a escola tem a função social de disseminar o conhecimento. Outrossim, a presente pesquisa irá colaborar como base para a elaboração de outros estudos sobre a educação patrimonial e o turismo na região amazônica no viés educacional.

No que refere à pesquisadora é importante a pesquisa, pois devido à convivência na escola durante um voluntariado no ano de 2019, e ao comparar o ensino básico de hoje com o de alguns anos atrás, surgiram alguns questionamentos do porquê a escola ainda trabalha a história do Amazonas de forma conteudista. Dificilmente a identidade amazônica é enfatizada no cotidiano dos estudantes, exceto quando se trata de datas comemorativas como o Dia do Índio.

## 1.3 OBJETIVOS

Santos *et al* (2015, p.39), diz que os objetivos direcionam a escolha dos assuntos que deverão ser estudados com mais profundidade para composição do referencial teórico e determinam todos os procedimentos metodológicos a serem seguidos, como a empresa, as pessoas e documentos pesquisados, tipos de pesquisa, métodos e técnicas de coleta de dados. Constata que os objetivos representam a linha de pensamento principal aderida das inquietações sobre o problema maior.

### 1.3.1 Objetivo Geral

Analisar como as escolas estaduais de Manaus trabalham nas aulas de história a educação patrimonial e o turismo como item de conhecimento e resgate da identidade amazônica.

### **1.3.2 Objetivos Específicos**

- Identificar a existência de conteúdos relacionados a educação patrimonial e o turismo nos planos de aula.
- Observar o estudo da educação patrimonial associado ao turismo e a disciplina de História.
- Relatar a ótica do professor de história a respeito da educação patrimonial e o turismo como ferramenta de ensino e valorização da identidade amazônica.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na estrutura de uma pesquisa científica, uma das partes que a compõem é a fundamentação teórica, sendo primordial por conter a revisão da literatura já produzida sobre o referido tema. Conforme Prodanov e Freitas (2013, p. 131), é nessa etapa em que se analisa as mais recentes obras científicas “que tratem do assunto ou que deem embasamento teórico e metodológico para o desenvolvimento da pesquisa. É aqui também que são explicitados os principais conceitos e termos técnicos a serem utilizados na pesquisa”.

Isto posto, uma fundamentação teórica bem escrita mostra que o pesquisador tem o conhecimento, a compreensão e a interpretação sobre o assunto em questão, estando atualizado sobre os mesmos, além disso, servirá de orientador para a etapa da análise do resultado e discussão dos dados coletados, já que este deve ser interpretado sob a fundamentação já existente na pesquisa.

### 2.1. A INSERÇÃO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO BRASIL

No estudo semântico da palavra patrimônio, pode-se encontrar um conjunto de significados que levam ao entendimento de ser o legado de uma herança, e esta por sua vez, pode ser cultural, como destaca Carneiro *et al* (2021, p. 24), “no sentido cultural, é o legado que herdamos do passado e passamos para gerações futuras”.

Na Constituição Federal de 1988 (p. 93), em seu título VIII que trata da Ordem Social, no capítulo III da Educação, da Cultura e do Desporto, seção II da Cultura, Artigo 216 “constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. A Constituição ainda define que fazem parte do patrimônio cultural as formas de expressão, obras, objetos, edificações, conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, entre outros. Cabendo a comunidade junto ao Poder Público promover e proteger o patrimônio cultural brasileiro. A UNESCO argumenta que patrimônio cultural é o legado que recebemos do passado, vivemos no presente e passamos às futuras gerações, além de ser nossa identidade, sendo de fundamental importância para a memória. Daí a importância de ampliar o alcance da educação patrimonial.

Por muito tempo a educação era privilégio somente da elite, mas a medida em que o mundo se desenvolvia, e junto a ele, a população, o acesso à educação ampliou-se as

demais classes sociais. Nesse meio, iniciam-se debates a respeito da proteção patrimonial. No Brasil estas discussões partem desde a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, onde

Desde a sua criação, em 1937, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN manifestou em documentos, iniciativas e projetos a importância da realização de ações educativas como estratégia de proteção e preservação do patrimônio sob sua responsabilidade, instaurando um campo de discussões teóricas, e conceituais e metodologias de atuação que se encontram na base das atuais políticas públicas de Estado na área. (IPHAN, 2014, p. 5).

Em seu arcabouço, o IPHAN sempre ressaltou a Educação como meio mais seguro para a preservação do Patrimônio Cultural e da história do povo brasileiro. Em 1970, criou-se o Centro Nacional de Referência Cultural – CNRC, e suas atividades tiveram início em 1975. Conforme o IPHAN (2014, p. 8), embora o CNRC não tenha atuado diretamente com projetos na área de educação, suas diretrizes teóricas e conceituais defendiam a instauração de parâmetros renovados para uma interlocução mais abrangente entre processos educacionais e preservação patrimonial.

No ano de 1981, uma das atividades desenvolvidas pelo CNRC foi o *Projeto Interação*, nos documentos disponíveis, a proposta defendida no projeto consistia

[...] no apoio à criação e ao fortalecimento das condições necessárias para que o trabalho educacional se produzisse referenciado na dinâmica cultural, reafirmando a pluralidade e a diversidade cultural brasileira. Partia da constatação da ineficácia de propostas pedagógicas que deixavam de levar em conta as especificidades da dinâmica cultural local e não correspondiam às necessidades de seu público-alvo. Em contraposição, procurava relacionar a Educação Básica com os diferentes contextos culturais existentes no país e diminuir a distância entre a educação escolar e o cotidiano dos alunos, considerando a ideia de que o binômio cultura-educação é indissociável. (IPHAN, 2014, p. 9).

Devido ao grande progresso colaborativo entre instituições, superintendências e o IPHAN, a educação patrimonial ganhou força e veracidade para ser trabalhada hoje no ambiente escolar de maneira interdisciplinar sempre tentando buscar transformar o olhar do aluno para que este mude sua realidade, Silva (2019, p. 32) trata a compreensão da própria realidade e da própria história como essencial para que seja atingido com alguma eficiência este objetivo.

Tem-se então, a temática educação patrimonial sendo abordada pelo IPHAN desde 1937, contudo, a primeira publicação a respeito do tema em si, se deu por volta de 1999, através de um guia elaborado por Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriane Queiroz Monteiro, em que conceituam educação patrimonial como

[...] um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999).

O guia apresenta o tema como parte do processo educacional, pautado no Patrimônio Cultural como fonte de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. E que através do “contato direto” com esse patrimônio, a experiência adquirida possa despertar no indivíduo o sentimento de apropriação e valorização de sua herança cultural. Por conseguinte, o ensino da história necessita do passado e a educação patrimonial contribui para esse ensino de modo fácil e motivador utilizando os “objetos” do passado para uma melhor interpretação da história estudada em sala de aula.

### 2.1.1 O uso da Educação Patrimonial para o ensino da história

Sabe-se que o ato de ensinar a história, décadas atrás, se resumia em algo engessado, porém depois de algumas conquistas, o ensinar hoje pode se fazer por diferentes caminhos. No entanto, essa certa maleabilidade em o que se ensinar na história, em algum momento pode vir a se perder. Como no dizer de Silva (2019, p. 20) “podemos dizer que a sociedade contemporânea se caracteriza pela rapidez das informações e, ao mesmo tempo, pelo esquecimento”.

Para além, é objetivo primordial do processo educacional em qualquer área de ensino/aprendizagem é levar o discente a se apropriar das condições intelectuais para formar seus conceitos, competências e habilidades, e pôr em prática, no seu cotidiano, repassando esses aprendizados na vida educacional (VARELA, 2019, p. 23). Para Matos (2009, p. 288) não deixa dúvidas de que a intenção está em fazer o aluno se apropriar do conhecimento produzido e a partir daí transformar esse sujeito na sua própria história. Através da educação patrimonial o aluno tem a possibilidade de resgatar na história a identidade amazônica de seus antepassados quase que esquecida por eles e se amplia à medida que está é trabalhada de modo interdisciplinar, conforme Varela (2019)

A Educação Patrimonial e história de um espaço se amplia em todos os domínios educacionais formais e informais. Tendo como foco a sociedade como recurso para a compreensão socio – histórica [...] tendo como objetivo desenvolver no seu reconhecimento, as valorizações e preservações dos patrimônios Históricos [...] A Educação Patrimonial e histórica ativa no conhecimento a promoção no indivíduo despertar de independência, desenvolvendo, desse de modo o coletivo, o sentido de posse e apropriação dos elementos do país. Simbolizando os espaços sociais gerando bem estar no meio social, sendo motivo de orgulho para aquele ambiente

com isso elevando a auto-estima, e desperta o senso de responsabilidade das pessoas para assumirem as responsabilidades de conservação, restauração e preservação do acervo patrimonial e material de um lugar. (VARELA, 2019, p. 20).

Desse modo a educação patrimonial, no âmbito da história, pode ser explorada de diferentes formas no momento de expor no presente o passado, sendo possível transformá-la em uma poderosa fonte primária para ampliar o conhecimento dos processos históricos, fato este segundo Silva (2019, p.30) “que possibilitaria que o ensino da história fosse mais significativo para os estudantes e também para a comunidade onde a escola está inserida”.

Para Silva (2019, p. 31) com a introdução deste novo elemento, que é a educação patrimonial, a história tanto nacional quanto local ganhou um importante aliado não só para o conhecimento de usos e costumes, mas também para a preservação destes bens. Isto dá suporte e permite a elaboração de uma metodologia de ensino usando o patrimônio como motivador para os alunos estudarem a história com mais entusiasmo, no entanto como afirma Silva (2019),

[...] ao pensar em uma atividade prática de Educação Patrimonial, os propositores tenham em mente a importância do movimento que estarão prestes a fazer. O conhecimento da história que cerca a comunidade escolar é importante, é desafiador e pode ser imprescindível, pois é a maneira como algumas práticas culturais podem ser perpetuadas em determinado grupo social, mas para isso é necessário estabelecer diálogos com a comunidade e tirar os educandos de seus espaços tradicionais. (SILVA, 2019, p. 32).

A história na educação básica deveria também desempenhar um papel de explicar com mais detalhe sobre a diversidade dos grupos culturais, e fazer uso da educação patrimonial para fortalecer esse conhecimento seria indispensável. Tanto que no dizer de Silva (2019, p. 31) “numerosos grupos, tais como urbanos, rurais, quilombolas, indígenas etc. podem e devem ser contemplados com estes recursos e com estes programas de preservação”.

Desta forma, cogita-se que através da educação patrimonial é possível agregar mais conhecimento ao ensino da história, além de preservar o patrimônio nacional e local. Acima de tudo é fundamental que haja união dos esforços entre poder público e sociedade civil, como ressalta Silva (2019, p. 31) se não houver uma ação conjunta dos profissionais da educação como um todo, especialmente na área da história, e do poder público, com políticas que possam fomentar estes espaços e estas práticas, a preservação da memória e identidade coletiva podem ficar perdidos no tempo e no espaço.

Silva (2019, p.32) ainda explica que ao reconhecer todas estas formas de manifestações culturais e incluir novos grupos como sendo parte importante da história nacional, se abriu caminhos mais seguros para o debate e para as novas concepções de ensino da história e da própria ideia de patrimônio a nível nacional.

### 2.1.2 Educação Patrimonial, o ensino da história e história local

Entre os inúmeros ensinamentos que a história propõe, compete a ela, também, levar em consideração as questões relacionadas ao (re)conhecimento identitário por parte da população a respeito de um bem cultural a ela pertencente. Isto pode ser alcançado por meio do estudo da história local integrado a educação patrimonial a medida em que se busca mostrar para os educandos e população local sua importância quanto a preservação e (re)conhecimento dos elementos identitários dos seus antecessores. Silva (2019) afirma que,

Ao fazermos estas considerações podemos dizer que várias formas de ensinar são possíveis, e necessárias. O ensino da história, como dito anteriormente, é um problema que precisa ser pensado, diagnosticando as suas falhas, de modo que, com alternativas como a educação patrimonial, seja possível realizar intervenções verdadeiramente significativas aos alunos. Toda a produção acadêmica que vem sendo realizada neste sentido tem por objetivo inicial fazer com que a comunidade se perceba como tal, que tenha um engajamento participativo de seus membros e que, ao visualizar as relações possíveis neste processo, as pessoas consigam entender a própria história e a de seus semelhantes. (SILVA, 2019, p. 38).

O autor ainda destaca que “ao pensarmos a temática da educação patrimonial estamos buscando novas formas de entender e estudar a história nas escolas” (SILVA, 2019, p. 39). Associando então a disciplina de história, o estudo da história local, e fazendo o uso da educação patrimonial, tem-se altas chances de envolver os alunos em sua própria realidade sem se distanciar do conteúdo disposto no currículo escolar. Para Silva (2019)

É necessário envolver os alunos com temas que sejam interlocutores com a realidade, e que sejam mais palpáveis, mas que não deixem de ter conexões com o próprio currículo escolar, a fim de evitar o ensino de uma História distante dos olhos e dos ouvidos, uma História que não possua nenhum tipo de relação convincente com os seus interlocutores. (SILVA, 2019, p. 42).

Pode-se inferir que, a partir do momento em que se ensina a história local, poderá despertar no indivíduo uma atenção maior ao estudo da história nacional, e conseqüentemente, compreender a amplitude dos acontecimentos da história “mundial”, uma vez que a história local, por si só, não pode explicar seu surgimento. Em vista disso,

a educação patrimonial busca despertar o sentimento de pertencimento e valorizar a identidade local por meio da história local, e buscar inserir esta última nos processos históricos nacional e global, permite ao educando repensar seu comportamento frente aos bens que os cercam. Cainelli (2004) atesta quando diz que,

Em primeiro lugar, é importante observar que uma realidade local não contém, em si mesma, a chave de sua própria explicação, pois os problemas culturais, políticos, econômicos e sociais de uma localidade explicam-se, também, pela relação com outras localidades, outros países e, até mesmo, por processos históricos mais amplos. Em segundo lugar, ao propor o ensino de história local como indicador da construção de identidade, não se pode esquecer de que, no atual processo de mundialização, é importante que a construção de identidade tenha marcos de referência relacionais, que devem ser conhecidos e situados, como o local, o nacional, o latino-americano, o ocidental e o mundial. (CAINELLI, 2004, p.112 apud SILVA, 2019, p. 43).

Os estudos acadêmicos realizados sobre a educação patrimonial tentam mostrar a importância desta ferramenta como auxílio para o ensino da disciplina de história e mostrar qual o sentido em se estudar a história local, muitas vezes considerada não oficial. Silva (2019, p. 44) identifica que ao trazer para a sala de aula lugares e histórias comuns de grupos que podem ser visitados e que estão ao alcance da comunidade escolar para também serem estudados, o professor proporciona uma dinâmica diferente nas relações de aprendizagem.

É em situações como esta que o professor pode utilizar a educação patrimonial como recurso para engrandecer a disciplina e engajar seus alunos no estudo dela. Mas conforme Silva (2019), o professor deve conhecer a história local da qual ele e os seus educandos fazem parte, ao mencionar que

Inserir os alunos na história global, através de suas vivências de história local, é um trabalho que requer algum estudo e muito preparo por parte do professor, já que para fazer isso, ele precisa ser um conhecedor da história da comunidade em que está inserido. Se não for um conhecedor profundo, ele necessita ter algumas ferramentas que possibilitem a ele trilhar este caminho com mais segurança. É neste momento que uma série de cartilhas e informativos, principalmente do IPHAN, podem servir de base para que o trabalho adquira um caráter mais formal. Ao conduzir os educandos nestes contextos educacionais e apresentar a eles a ideia de uma história mais prática, o educador tem em mãos uma tarefa importante, pois estará lidando com a construção de uma identidade, com a construção de uma mentalidade que pressupõe a ação deste indivíduo em comunidade. (SILVA, 2019, p. 45).

Conseguir que haja a interação entre educação patrimonial e história local, é um dos caminhos em que os alunos consigam interagir com o ambiente em que vivem e compreendam o quão relevante é o ensino da história, a qual está presente em todo o ensino básico. Experimentar conhecer a identidade local pode ativar sentimentos de

pertencimento adormecidos nos estudantes, como destaca Silva (2019, p. 46) fazer os educandos pensarem sobre preservação, sobre os bens culturais de sua comunidade são de grande utilidade para a história, pois ela desperta nos indivíduos um sentimento de pertencimento, que podia estar latente até então.

### 2.1.3 Educação Patrimonial e o Turismo Cultural como ferramenta de ensino

Educação Patrimonial é uma metodologia de ensino-aprendizagem que tem como missão envolver o indivíduo com a sua cultura local, podendo ser aplicada no ensino formal e não formal, na procura de mostrar o valor do patrimônio, e assim, despertar o sentimento de pertencimento e a valorização da cultura local. Como afirma Nascimento (2015),

Educação Patrimonial tem como objetivo relacionar o patrimônio cultural da localidade com sua população, ampliando o entendimento dos vários aspectos que constituem o nosso patrimônio cultural e o que isso tem a ver com a formação da cidadania, identidade cultural, memória; em suma, elementos que fazem parte de nossa vida, mas que não percebemos o quão importante são elas. A educação patrimonial trabalha com estratégias de ensino-aprendizagem, dinâmicas e significativas, tendo como relações a valorização, o pertencimento e a preservação. (NASCIMENTO, 2015, p. 18).

Em concordância, Aragão *et al* (2019) nos diz que,

A educação quando é realizada nos espaços de aprendizagem quer sejam formais ou não formais, em longo prazo produzem boas práticas de respeito à comunidade e sua herança cultural. Estas atitudes são percebidas por visitantes que vêm na população residente, a dimensão do bom uso e valor de pertencimento atribuído pela população local ao conjunto dos seus bens culturais. Turistas que visitam locais com projetos de educação patrimonial na cidade e seu entorno, constataam o valor atribuído pela comunidade aos bens materiais e imateriais patrimônios culturais, históricos e artísticos. (ARAGÃO *et al*, 2019, p. 156).

Logo, verifica-se que dentro das ações voltadas para impulsionar o desenvolvimento do turismo na região, é viável a implantação de projetos que envolvam a educação patrimonial com atividades turísticas dentro do ambiente escolar, visto que, ambos também dão suporte na formação cidadã do indivíduo. E para que todo esse trabalho gere bons frutos, existe a necessidade de se ter o conhecimento sobre a temática, como reitera Nascimento (2015, p. 48), “a educação patrimonial requer uma investigação sobre a percepção existente mediante a temática trabalhada, gerando uma noção prévia do nível de conhecimento”.

Pois, ainda segundo a autora, lidar com a

Educação Patrimonial é preciso avaliar o ambiente e os envolvidos, trabalhar a temática do patrimônio e sua relação com o lugar e ao fim, mostrar se a metodologia foi aplicada de forma eficaz, e neste caso, ser capaz de gerar um sentimento de pertencimento ao lugar e valorização da cultura (NASCIMENTO, 2015, p. 57)

Vale salientar que, do mesmo modo que existem diferentes métodos de ensino, quando se trata da educação patrimonial na educação formal, há dois caminhos distintos, sendo eles a educação tradicional e a educação transformadora, e que para Oliveira e Jesus [s.d.]

A educação transformadora vem trazer a possibilidade de libertação, descobrimento e conhecimento e/ou reconhecimento da própria identidade, de suas raízes e história. Que permitirá ao indivíduo identificar-se com o local e apropria-se dele estabelecendo relações capazes de causar no indivíduo o sentimento de pertencimento. E por sua vez a valorização da sua cultura e da diversidade. A educação patrimonial tradicional trata-se de um modelo engessado onde se propõe a homogeneidade e uniformidade. Esse olhar um tanto quanto preservacionista defende uma única identidade coletiva, onde só existe uma versão, uma história e uma verdade que sempre acaba sendo a mais agradável de ouvir e nem sempre é a verdadeira. Nessa educação tradicional não cabe espaços para manifestações, questionamentos, conflitos, misturas e autoconhecimento. Ela determina *o que, para que, como, quem e onde*. Valorizando assim somente o que interessa a minoria e não representa á todos de fato. (OLIVEIRA; JESUS, s.d., p.5-6)

Isto posto, é mediante a educação patrimonial transformadora que se admitirá trabalhar com os patrimônios e o turismo de forma atual e sustentável, onde os alunos poderão de fato se conectar com a história por meio da interação com o meio em que vivem, descobrindo a relevância dos patrimônios no seu cotidiano, e principalmente, conhecer sua história pessoal e coletiva. Oliveira e Jesus [s.d.] apontam que

Deste modo a relação entre o turismo e o Patrimônio histórico cultural é tratada no âmbito da Educação Patrimonial como o fator que os aproxima quando, o homem, ao se relacionar com o meio onde vive constrói o seu modo de vida e assim estabelece suas relações.(OLIVEIRA; JESUS, s.d., p2)

Trilhando esse pensamento, Godinho (2016, p. 22) acredita “que a sociedade que vivencia diariamente o patrimônio e o contexto envolto dele, tem o direito de ressignificá-lo, dando ao mesmo, um sentido funcional de acordo com os seus valores e necessidades.” O autor chama essa ressignificação de refuncionalização, dado que, em razão da globalização e do desenvolvimento econômico, muitos lugares passaram por uma reestruturação socioespacial, o que culminou no desenvolvimento ou uso da atividade turística nesses locais, à vista disso, agrega-se um novo significado ao patrimônio local.

Não distante desse pensamento, Hall (2006, p. 77) declara que “ao invés de pensar no global como substituindo o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre o global e o local”. Ainda segundo o autor,

Este “local” não deve, naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização. Entretanto, parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações “globais” e novas identificações “locais”. (HALL, 2006, p. 78)

O global e o local, dentro do sistema da globalização, pode vir – ou não – a ser homogeneizado, e na ótica dos estudiosos, persiste este debate que segue sempre essas duas vias, a de que a globalização ameaça ou não abalar os fundamentos das culturas locais. E esse debate pode ser levantado dentro da sala de aula, na disciplina de história, na tentativa de perceber qual é a posição dos alunos a respeito dessa questão, no que se refere, ao modo de uso dos patrimônios na atividade turística e se isso afeta a forma como eles valorizam a identidade amazônica.

Desse modo, surgem planos e programas voltados para o patrimônio, sendo um deles a educação patrimonial, que segundo Godinho (2016, p. 70) tem como objetivo “aproximar a comunidade local do patrimônio cultural, criando na população o sentimento de pertencimento e uma apropriação do patrimônio”. Na atividade turística, a educação patrimonial pode ser inserida na roteirização de um determinado lugar a ser visitado pelos estudantes. Nascimento (2015) está de acordo que

Os roteiros podem alcançar diversos públicos, bem como contemplar inúmeras áreas, por fim o objetivo maior de propor um roteiro é a organização do destino para fins educativos, turísticos, lucrativos, comerciais, entre outros interesses. Após todo o estudo, propõe-se um roteiro turístico a ser desenvolvido no local, tendo como foco na Educação Patrimonial. (NASCIMENTO, 2015, p. 42).

Assim, constata-se que tanto o turismo, quanto a educação patrimonial, tem como base o resgate histórico. E se apresentado ao aluno, em projeto sólido, bem elaborado e executável, tendo seus fatos explanados com dedicação, além de conhecimento relevante, servirá de apoio na compreensão da disciplina de história ao narrar sobre o surgimento e crescimento da cidade de Manaus. Segundo Aragão *et al* (2019, p. 160) “ao médio e longo prazo, essas ações serão meios para estabelecer uma base sustentável sobre a relevância do patrimônio cultural que cerca o morador como vetor de auto referência e identidade e, portanto, atração de visita”.

## 2.2 O CONHECIMENTO E A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE POR MEIO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O TURISMO NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA

As ações do Homem, seja ela positiva ou não, deixa impressa sua marca de existência no planeta. Conforme sua evolução, para conviver em sociedade, tornou-se necessário o que chamamos de educação. Esta por sua vez se manifesta de várias formas, uma delas é na capacidade de aperfeiçoar o intelecto e a moral do Homem, da mesma forma que ensina as práticas dos hábitos sociais de um povo.

Educar através da disciplina de história é formar novas gerações balizadas na identidade de cada povo e ao mesmo tempo mostrar todo o contexto pelos quais passaram até o contexto atual, no intuito de preservar a história e história local. Dessa forma, para Silva (2019, p. 38) “reconhecer no que já está perto, junto à comunidade, algo que é seu, que lhe pertence como história, portanto, é importante resguardá-lo para as gerações vindouras”. O modo de educar hoje, através da disciplina de história, engloba a cultura local como forma de reconhecimento como um grupo social, na tentativa de minimizar a distância entre o povo e sua própria história.

No ambiente escolar, trabalhar essa visão pode dar frutos significativos no aprendizado, como induzir o sentimento de pertencimento e valorização identitária, entendendo de fato o valor de uma herança cultural. Mas é importante sempre atentar para as diferentes formas de assimilação que os alunos farão. Segundo Silva (2019)

Para se reconhecer como sujeito atuante em um ambiente, a criança ou o adolescente deve se reconhecer como um sujeito histórico, com uma herança étnica e cultural carregada por gerações e que agora passa a fazer parte desta sua formação pessoal. Este reconhecimento por parte do aluno nem sempre é fácil e não ocorre de maneira uniforme, podendo às vezes sequer ocorrer. Se ver como um sujeito social, construído através de aportes históricos, muitas vezes requer do próprio professor bastante cuidado no entendimento e na conduta destas visões, não tendendo para fatores que façam o aluno compreender apenas partes significativas deste processo, desdenhando a sua totalidade e deixando de observar um processo que pode ser construído de maneira mais efetiva. (SILVA, 2019, p. 39-40).

É certo que o ser humano não pensa de maneira igual, isso significa que, os indivíduos que convivem no mesmo ambiente escolar, que serão expostos aos mesmos ensinamentos, participem da mesma prática educacional, podem ou não dar significado para sua própria história. No entanto, por mais que não se sintam pertencentes a sua própria cultura, terão o conhecimento da representação dela. Hall (2006, p. 48) alega que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação.”

De modo geral, a história tem um leque de conteúdo a ser ensinado, em todas as esferas seja política, econômica, social e cultural. Depende muito do mediador o que ensinar e como ensinar. Silva (2019) destaca que,

Ao nos referirmos ao estudo da história, num sentido mais amplo, não podemos caminhar apenas sobre os trilhos das guerras ou grandes rupturas sociais, econômicas ou político-administrativas. Permeiar os caminhos do conhecimento histórico é também analisar o seu contexto social, as festas, os significados, a religiosidade e a sua produção artística. Não podemos pontuar categoricamente que este é o único caminho, mas pode ser uma alternativa interessante, se considerarmos o atual cenário, em que a História nacional e os próprios profissionais da área estão inseridos. (SILVA, 2019 p. 40).

No atual contexto em que o mundo se encontra, onde a história da cultura é tão importante quanto a história da economia por exemplo, o estudo da história vem como um aliado, servindo de anteparo da identidade local, para que esta não se perca no decorrer dos tempos, ou seja, esquecida pelas futuras gerações.

Ribeiro (2019, p. 65) aponta que um dos possíveis caminhos para que o ensino de história cumpra sua função social na construção de indivíduos críticos é trabalhar o saber histórico em sala de aula, através do viés da diversidade. Diversidade essa presente em todo o país. Por isso a importância de se trabalhar a questão da identidade local no âmbito escolar, uma vez que no currículo escolar, compete a disciplina de história, também, ensinar sobre a diversidade brasileira e sem a história local para despertar no aluno o sentimento de pertencimento, pode haver exaltação de determinada cultura sobre outra, podendo acarretar no aluno completa indiferença pela sua própria identidade cultural.

Falar sobre as diferentes formas de ensinar atualmente, é ter sob foco a melhor forma de fazer com que o aluno compreenda o que a ele está sendo apresentado, diante disso, no que tange as questões de educar, o turismo também pode ensinar. Esta análise se baseia na fala de Manhães e Locatelli (2011, p.6) ao mencionar “o Gran Tour como o ponto inicial do turismo sob o aspecto de agente colaborador da formação pessoal e de apoio à educação”, ou seja, foi um dos principais acontecimentos no turismo e que surgiu justamente como uma atividade educativa, mesmo sendo realizada somente pela elite daquele período. Tinha como objetivo prover uma experiência para quem viajava, e este por sua vez, ensinaria aos que não vivenciaram essa experiência. Ainda segundo as autoras, no Gran Tour “a viagem foi experimentação pura, e não ócio ou divertimento” e “nesse momento, a viagem, a ciência e a educação mesclaram-se”.

Mediante o exposto, falar sobre a atividade turística, não somente na disciplina de história, mas na educação formal em si, mostra para os alunos a importância desta atividade para sua localidade. Sair do tradicional usando o turismo como uma ferramenta para motivar os alunos a buscar novas formas de enriquecer seu conhecimento, evidencia que educar não necessariamente só acontece ou tem maior rendimento dentro de uma sala de aula. Conforme Manhães e Locatelli (2011),

Portanto, uma das principais missões do turismo, desde o enfoque educacional, é dotar os viajantes de instrumentos que possibilitem fomentar a formação pessoal com traços coletivos e universais, engrandecendo a participação ativa na sociedade e convertendo-os em agentes modificadores da própria educação, ou, indo mais além, que possam ser capazes de aprender a aprender. (MANHÃES; LOCATELLI, 2011, p.21).

Então, deduz-se que a partir das inúmeras informações históricas as quais os alunos serão submetidos durante suas experiências a uma visita em um atrativo turístico da sua cidade, por exemplo, serão transformadas em conhecimento e assim terão uma nova visão, bem como desenvolverão o senso crítico capaz de opinar e modificar a realidade em que vivem.

Indagar-se como é possível relacionar a educação patrimonial e o turismo na disciplina de história, é notório. Todavia, uma possível resposta se encontra na própria educação patrimonial, pois ela possui dois públicos-alvo, por assim dizer, a comunidade geral e os estudantes como reitera Cerqueira (2005, p.99), “a educação patrimonial possui dois focos gerais de ação: a educação da comunidade escolar e a educação da comunidade em geral”.

Na perspectiva do mesmo autor, as atividades educativas para ambos os públicos podem ser realizadas por inúmeras ações, e uma delas é por meio da atividade turística, mas especificamente o turismo cultural. Turismo cultural conforme Beni (2007, p. 473) “refere-se à afluência de turistas a núcleos receptores que oferecem como produto essencial o legado histórico do homem em distintas épocas, representado a partir do patrimônio e do acervo cultural”. Rodrigues (2007) contribui afirmando que

A atividade turística é, portanto, produto da sociedade capitalista industrial e se desenvolveu sob o impulso de motivações diversas, que incluem o consumo de bens culturais. O turismo cultural, tal qual o concebemos atualmente, implica não apenas a oferta de espetáculos ou eventos, mas também a existência e preservação de um patrimônio cultural representado por museus, monumentos locais históricos. (RODRIGUES, 2007, p. 15).

Sob este ponto de vista, deduz-se que o turismo é um fenômeno não somente dedicado ao lazer, é também um berço para a formação de cidadãos possivelmente sensibilizados para preservar e valorizar o patrimônio cultural local. Logo, tem-se que o turismo é um aliado da educação patrimonial e/ou vice-versa.

Para esta pesquisa é essencial discutir a relação entre história e memória uma vez que, a “história tem como matéria-prima as memórias das pessoas e dos grupos” (SILVA, 2019, p. 22). Sendo assim, trabalhar essa memória coletiva e individual dentro da sala de aula permite aos alunos enxergar sua própria identidade, como afirma Schneid (2014, p. 23), “ao se tratar da memória, torna-se necessário também trabalhar a noção de identidade, pois depende da memória para se constituir”. Já Hall (2006, p. 11) afirma que, a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade, e que na concepção sociológica, a identidade preenche o espaço entre o mundo pessoal e o público, suturando o sujeito à estrutura. Logo, a educação patrimonial paralela ao estudo da história, funciona como uma ponte nesse caso já que, o ensino dos saberes e das práticas de um grupo social são passados de acordo com as memórias do passado, contribuindo assim na busca da identidade individual ou coletiva dos indivíduos.

No entanto, Hall (2006, p. 13) diz que “o sujeito assume identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente”. Assim, levantar o tema sobre educação patrimonial dentro da sala de aula requer atenção da parte do professor, para que este não force no aluno a história sob a qual eles nasceram, apenas utilizando o patrimônio deixado pelas gerações passadas, tirando dos alunos o sentido de que eles podem e devem ser os autores de sua história. Isto posto, nota-se que a identidade não é algo que já nasce com a pessoa, mas sim, é construído com o passar do tempo como expõe Hall (2006, p. 38), “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, [...] ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada”. Barreto (2000) indica concordância ao mencionar que

Na modernidade, a identidade passa a ser mais flexível, sujeita a mudanças e inovações e depende em grande parte da relação com os outros. A identidade manifesta-se na pertença a determinados grupos ou papéis. As pessoas passam a perceber que a identidade é uma construção social e que pode ser mudada”. (BARRETO, 2000, p. 45).

Em consonância, para Laraia (2002, p. 72), “o fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural”, e isto também, merece ter uma atenção

especial pelos professores para não induzir o aluno ao desenvolvimento, já tendencioso, do etnocentrismo e que para o referido autor é um fenômeno universal. O que se busca despertar nos alunos com a educação patrimonial, é justamente a valorização da sua identidade, sem no entanto, engessar essa metodologia com uma ideologia “de preservação radical” de que a valorização do seu patrimônio significa mantê-lo intocável, mas sim, conservá-lo ao ponto, como alega Barreto (2000, p. 15), de “integrá-lo no dinamismo do processo cultural”.

Silva (2019, p. 22) menciona que, “ao realizar um trabalho com educação patrimonial, invariavelmente estaremos buscando na memória matéria-prima para produzir história de um grupo específico”. Schneid (2014) complementa:

Portanto, no momento em que o aluno tem a possibilidade de se perceber como sujeito histórico a partir da realidade que o cerca, ele estará construindo a sua identidade. Isso se torna possível graças ao trabalho com a História local aliada à metodologia da Educação Patrimonial, proporcionando um novo olhar para o ensino de História. (SCHNEID, 2014, p. 26).

No momento em que a escola perceber a importância de se estudar com mais detalhe a história local, assim como usar a educação patrimonial como ferramenta para melhorar o ensino-aprendizagem, o olhar para a identidade local como algo construído no coletivo, despertará o sentimento de pertencimento até mesmo nas gerações futuras, uma vez que tenham acesso as memórias da sua cultura por meio da disciplina de história. Conforme Silva (2019, p. 23) “é neste sentido que a memória ocupa um lugar de destaque, pois é através dela que as lembranças podem ter eco e percorrer o tempo”. E para Barreto (2000, p. 47), “além da questão identitária, a recuperação da memória leva ao conhecimento do patrimônio e este, à sua valorização por parte dos próprios habitantes do local”.

Conforme Schneid (2014, p. 22), “os produtos que se formam ou surgem a partir de uma cultura são bens culturais, pelos quais se pode compreender e identificar a cultura de um povo, em determinado lugar e momento histórico”. O autor ainda destaca que

Além da memória das pessoas, escrita ou recuperada pela oralidade, existem também os “lugares de memória”, lugares de amplo significado, pois representam algum sentido material, simbólico ou funcional para determinados indivíduos. Esses lugares de memória podem ser representados por monumentos, praças, edifícios públicos ou privados, mas que necessariamente se constituem como bens culturais para a comunidade. (SCHNEID, 2014, p. 22).

Isso significa dizer que ao proporcionar práticas pedagógicas nesses ambientes que o autor chama de “lugares de memória”, contribui de maneira prática no crescimento

de se sentir pertencente aquela cultura que também originou a identidade local. Igualmente, tais práticas permitem minimizar o esquecimento desses espaços. Como certifica Silva (2019, p. 24), “cabe citar que este abandono, por assim dizer, muitas vezes não é proposital e sequer consciente, mas está arraigado a práticas e costumes de que tudo o que é velho deve ser substituído ou abandonado”.

Barreto (2000, p. 13) ratifica que, para proteger o patrimônio de ameaças é necessária políticas de preservação, porém tais políticas não são isentas de tomar partido, pois tendem seguir a ideologia de quem elabora as leis e “determinar o que é digno de preservação é uma decisão político-ideológica, que reflete valores e opiniões sobre quais são os símbolos que devem permanecer para retratar determinada sociedade ou momento”. Por isto, quanto mais se esmiuçar a educação patrimonial dentro das escolas, maior será o entendimento adquirido pelos alunos sobre o que é o patrimônio e até que ponto ele interfere em suas vidas, além de incentivá-los a questionar mais sobre o tema e pensar nas possibilidades de preservação e conservação do seu legado cultural, mesmo que sua participação seja limitada, como ressalta Laraia (2002, p. 80;82) “a participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura”, todavia, “o importante é que deve existir um mínimo de participação do indivíduo na pauta de conhecimento da cultura a fim de permitir a sua articulação com os demais membros da sociedade”.

Quando o indivíduo partir em busca de conhecer sua cultura, querendo ou não, ele precisará resgatar as memórias (seja individual ou coletiva), nesse caminho, por menor que seja, sentirá o sentimento de pertencer àquela cultura, por fim, terá sua identidade cultural renovada. No momento em que o educando perceber na história geral, a história nacional, um caminho mais visível para a história local surgirá. Schneid (2014) destaca que

Ao se compreender este mecanismo, pode-se desenvolver um ensino de História que tenha como objetivo primeiro a busca desta identidade do aluno, do seu pertencimento através da identificação de sua cultura, para que a partir daí se faça esta conexão com a História propriamente dita, prevista como conteúdos programáticos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), para que ele mesmo possa se compreender como sujeito da história. (SCHNEID, 2014, p. 24).

Então ao ensinar dentro da disciplina de história, o que é a cultura, no sentido de entender o modo de vida específico de um grupo social, e lembrar aos educandos que ela é diversa, há uma possibilidade de que suas memórias, tanto individual quanto coletiva possa ser (re)ativada, despertando então o sentimento de pertencimento, resgatando

assim a identidade local. Conversar durante as aulas de história sobre assuntos para além do conteúdo tradicional, ajuda de forma significativa em um maior aprendizado, além de tirar o aluno do estado dormente durante as aulas da disciplina.

A atividade turística aqui se envolve dado que, é praticada por pessoas e planejada pensando nas pessoas, por isso, leva-se em consideração ao planejá-la, a experiência. Experiência essa que provocará no indivíduo uma explosão de conhecimento e sentimentos envolvendo a cultura, memória, identidade e pertencimento. Tudo isso leva a ampliação do horizonte cultural do indivíduo que pratica a atividade turística, Melo e Cardozo (2015) comentam que

[...] No entanto, não damos a frequente atenção quando se trata da socialização de bens culturais não tão visíveis, mas que, frequentemente, estão presentes na vida cotidiana, no caso do patrimônio em relação à população que recebe o turismo, ou que fazem parte do patrimônio de outras culturas, e cuja apropriação, por formas estruturadas e intencionais de educação, podem ampliar o horizonte cultural dos turistas. (MELO; CARDOSO, 2015, p. 1064).

Apesar da mínima atenção dada a inserção do turismo em outros campos, sua influência é notória. E no campo da educação, atrelado à educação patrimonial, valorizam o potencial do patrimônio, como citam Melo e Cardozo (2015)

[...] a relação entre patrimônio, turismo e educação podem ser ferramentas de ações educativas que visam à valorização do patrimônio cultural material ou imaterial como mediadores formativos, pensando a constituição do indivíduo e da individualidade como processo de vínculo entre a herança socialmente construída, o patrimônio, e processos intencionais para sua disseminação e apropriação, a educação patrimonial. (MELO; CARDOSO, 2015, p. 1071).

Valorizar e mostrar o turismo para o morador local, aqui incluso o aluno, bem como expor como a atividade é exercida na localidade, quiçá despertaria o sentimento de pertencimento, orgulho e de preservação da história cultural local, além de colaborar na melhoria da atividade turística local. Segundo Alves e Bernardino (2019, p.8), “Despertar no participante a criatividade produtiva para gerar renda utilizando recursos das inúmeras atrações turísticas da cidade, só é viável a partir do momento que ele conhece o meio em que está inserido, suas origens e tem orgulho disto”. Logo, deduz-se que a relação entre o turismo, educação patrimonial e a disciplina de história, é capaz de formar um conjunto educativo direcionado a valorização e ao pertencimento da identidade local.

### 3. DESENHO METODOLÓGICO

Na redação de um trabalho de pesquisa, é imprescindível conhecer quais são os elementos essenciais que devem estar presentes na pesquisa. Gil (2002, p. 162) aponta que, na metodologia é onde se descrevem os procedimentos a serem seguidos na realização da pesquisa e que sua organização varia de acordo com as peculiaridades de cada pesquisa. Prodanov e Freitas (2013, p. 126) sugerem que, a metodologia depende de um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos para que seus objetivos sejam atingidos, sendo estes os métodos científicos. Inferido assim que a metodologia assume o valioso papel de descrever a sequência dos passos de como é que o pesquisador procedeu para realizar sua investigação e atingir seus objetivos.

Abaixo se demonstra o quadro metodológico que explica os caminhos da pesquisa:

**Quadro 01: Descrição Metodológica**

<b>Classificação quanto à forma de abordagem</b>	<b>Classificação quanto aos objetivos de pesquisa</b>	<b>Classificação quanto à escolha do objeto de estudo</b>	<b>Classificação quanto à coleta de dados</b>	<b>Classificação técnica de análise de dados</b>
-Qualitativa;	-Exploratória; -Descritiva.	-Estudo de caso; -Amostra não probabilística	-Observação direta dados primários extensiva; -Questionário com questões abertas -Pesquisa bibliográfica.	-Análise de Conteúdo.

Fonte: SANTOS, Lúcia

#### 3.1 FORMA DE ABORDAGEM

Quanto a forma de abordagem escolhida para a realização desta pesquisa, a mesma foi considerada qualitativa, pois a pesquisa teve o ambiente, no caso a escola, como fonte direta dos dados, aprofundou-se na tentativa de compreender as ações dos

indivíduos nesse ambiente, no caso os professores de história, além de não utilizar dados estatísticos como parte do processo de análise dos dados coletados.

### 3.2 OBJETIVOS METODOLÓGICOS

Primeiramente, a pesquisa foi classificada como exploratória devido procurar ter um entendimento mais próximo sobre os objetivos debatidos acima.

O objetivo da pesquisa, também, caracterizou-se como descritivo, já que houve o registro e a descrição dos dados sem que ocorresse qualquer interferência por parte do pesquisador neles. Houve também, a instituição de relações entre algumas variáveis presentes na pesquisa.

### 3.3 CLASSIFICAÇÃO QUANTO À ESCOLHA DO OBJETO DE ESTUDO

Tomada como estudo de caso múltiplo por realizar uma análise profunda em escolas estaduais de Manaus que trabalham nas aulas de história a educação patrimonial como item de conhecimento e resgate da identidade amazônica.

Quanto amostragem foi não probabilística intencional, pois o problema partiu do pesquisador em relação aos objetos. Para Malhotra (2001), citado por Oliveira (2011, p.32) a amostragem não-probabilística confia no julgamento pessoal do pesquisador e não na chance de selecionar os elementos amostrais. O pesquisador pode, arbitrária ou conscientemente, decidir quais serão os elementos a serem incluídos na amostra.

### 3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para os procedimentos de coleta de dados, além da pesquisa bibliográfica para a revisão sistemática de literatura, a pesquisa fez uso de ferramentas como o questionário, aplicação de formulários e da observação sistemática para a pesquisa de campo. Tendo como método de inclusão as variáveis do sexo masculino e feminino, sujeitos maiores de 18 anos e professores de história das escolas estaduais. Consequentemente, para o método de exclusão priorizou-se os menores de 18 anos, os indivíduos que não assinaram o Termo de Pesquisa e os professores que não trabalham com a disciplina de história.

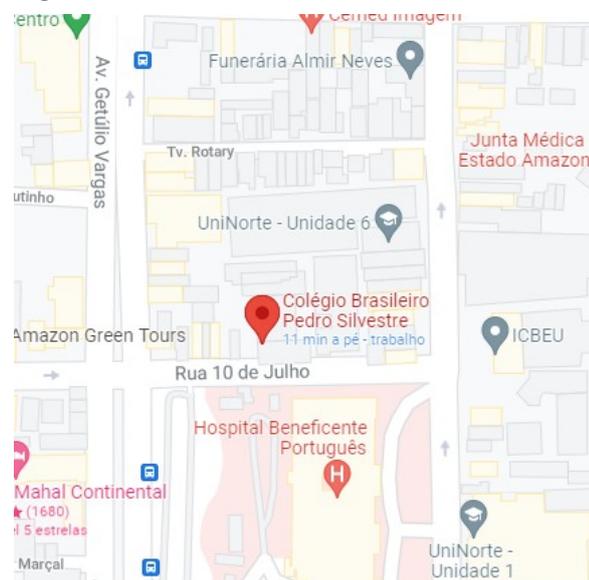
### 3.5 ANALISE DE DADOS

A interpretação dos dados foi feita por meio da análise das respostas dos professores, sem qualquer alteração, que auxiliaram a descrever melhor os resultados, e sendo assim, acredita-se que dessa maneira a pesquisa passa a ter mais veracidade.

### 3.6 ÁREA DE ESTUDO

A pesquisa de campo aconteceu em duas Escolas Estaduais, no município de Manaus, Estado Amazonas, uma situada no bairro Centro (figura 01), e a segunda, localizada no bairro Lírio do Vale (figura 02). O período de coleta da pesquisa de campo nas escolas sucedeu a partir do dia 14 até o dia 30 de setembro de 2021. Os sujeitos da pesquisa são os professores responsáveis pela disciplina de história que lecionam em turmas do ensino médio nas referidas escolas. A primeira escola foi escolhida por se localizar no Centro da cidade, além de estar próxima a patrimônios e atrativos turísticos, já a escolha da segunda escola, se deu por sua localização oposta ao Centro da Capital estando distante dos atrativos turísticos.

**Figura 01: Escola no bairro Centro**



Fonte: Google Maps, 2021.

**Figura 02: Escola no bairro Lírio do Vale**



Fonte: Google Maps, 2021.

#### 4. RESULTADO E DISCUSSÃO

A pesquisa tem como objeto de estudo o conhecimento e resgate da identidade amazônica, sendo o público-alvo, os professores da disciplina de história de escolas estaduais de Manaus, que lecionam para turmas do ensino médio. O total de entrevistados nesta pesquisa foi de quatro professores, uma vez que, a preferência eram os que lecionavam história, e devido algumas dificuldades encontradas ao longo da pesquisa, foram escolhidas somente duas escolas.

Com o propósito de investigar como os professores trabalham nas aulas de história a educação patrimonial e o turismo como item de conhecimento e resgate da identidade amazônica, a alternativa escolhida foi aplicar os questionários com os professores que tinham turmas do ensino médio (figura 03), uma vez que nesta etapa de ensino, os alunos devem possuir uma maturidade maior, já que eles tem mais idade do que os alunos do fundamental.

**Figura 03: Alunos de turma do ensino médio, disciplina de História**



Fonte: Arquivos da autora, 2021.

Os dados foram obtidos a fim de se conseguir um retorno e afirmar o que fala Nascimento (2015, p. 48), “a educação patrimonial requer uma investigação sobre a percepção existente mediante a temática trabalhada, gerando uma noção prévia do nível de conhecimento”; e Silva (2019, p. 31) “com a educação patrimonial, a história ganhou

um importante aliado não só para o conhecimento de usos e costumes, mas também para a preservação destes bens. Isto dá suporte e permite a elaboração de uma metodologia de ensino usando o patrimônio como motivador para os alunos estudarem a história com mais entusiasmo”.

No decorrer da elaboração do resultado e discussão desta pesquisa, optou-se por usar codinomes para se referir aos professores entrevistados. Abaixo segue o quadro com algumas informações sobre os entrevistados pertinentes a pesquisa para melhor identificá-los.

#### **Quadro 02: Identificando os entrevistados.**

Professor	Sexo	Idade	Bairro da Escola onde ministra aula	Ano de Ensino (Série)	Tempo de Serviço como professor de História
W	Feminino	52 anos	Lírio do Vale	2° Série do Ensino Médio	17 anos
X	Feminino	54 anos	Centro	1° e 2° Séries do Ensino Médio	18 anos
Y	Masculino	52 anos	Centro	2° e 3° Séries do Ensino Médio	22 anos
Z	Feminino	44 anos	Centro	1° Série do Ensino Médio	6 anos

Fonte: arquivos da autora, 2021.

#### **4.1 A EXISTÊNCIA DE CONTEÚDOS RELACIONADOS A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O TURISMO NOS PLANOS DE AULA**

A observação aqui feita, nos mostra um pouco sobre a posição do professor em relação a educação patrimonial, o turismo e os conteúdos por eles trabalhado em sala de aula. Todavia, é importante destacar que os professores não deram o consentimento em compartilhar seu plano de aula para ser exposto nesta pesquisa, dessa forma, aqui constará apenas suas respostas conforme o questionário.

Sabe-se ainda que, na educação de ensino regular, as disciplinas possuem tempo limite em sala e os conteúdos devem seguir o padrão já estabelecido. Segundo o Guia Básico da Educação Patrimonial,

Os currículos escolares são comumente sobrecarregados, com disciplinas que competem entre si por limitação do tempo em sala de aula e pelas normas oficiais estabelecidas. Os objetos patrimoniais, os monumentos, sítios e centros históricos, ou o patrimônio natural são um recurso educacional importante, pois permitem a ultrapassagem dos limites de cada disciplina, e o aprendizado de *habilidades* e *temas* que serão importantes para a vida dos alunos. Desta forma, podem ser usados como “detonadores” ou “motivadores” para qualquer área do currículo ou para reunir áreas aparentemente distantes no processo de ensino/aprendizagem. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 34).

Ainda conforme as autoras, “a metodologia da educação patrimonial pode levar os professores a utilizarem os objetos culturais na sala de aula ou nos próprios locais onde são encontrados, como peças-chave no desenvolvimento dos currículos e não simplesmente como mera *ilustração* das aulas.” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 7).

Os professores foram questionados sobre já terem abordado a temática educação patrimonial em suas aulas. Por isso, perguntou-se: Em suas aulas, você já trabalhou alguma vez com os patrimônios da cidade? Se sim, cite qual/quais?

Observemos a seguir as respostas obtidas dos professores, em sua total integridade, que serão identificados por W, X, Y e Z:

Sim, patrimônios de Manaus. (W)

Sim, museus e teatros. (X)

Sim, trabalho de fotografia. (Y)

Não. (Z)

A próxima pergunta feita aos professores foi: Em suas aulas, você já mencionou alguma vez sobre a atividade turística na cidade? Se sim, durante qual conteúdo ministrado você mencionou o turismo? O objetivo desta pergunta era saber se os mesmos citam o turismo em sala de aula. Observemos as respectivas respostas:

Sim, vários Teatro Amazonas, seringal entre outros ... (W)

Sim, sempre que abordo algum conteúdo sobre o Estado do Amazonas, me reporto ao turismo. (X)

Sim, normalmente história do Amazonas, Belle Epoc, etc. (Y)

Sim, quando falamos do período da borracha. (Z)

Pôde-se verificar que na maioria das respostas a educação patrimonial e o turismo são temas citados em sala de aula pelos professores e que apesar de o tempo em sala

ser curto, além dos vários conteúdos a serem ministrado, os professores ainda conseguem fazer alguma alusão a essas duas temáticas, mesmo que pequena, e isso nos mostra que os professores, de fato, têm um certo entendimento a respeito das temáticas aqui pesquisadas.

Silva (2019) aponta que

Buscar novas possibilidades para fazer do ensino da história um momento de diálogo e de discussões é importante para o aluno, pois pode ser uma maneira de ver e sentir os objetos de estudos que estão muito próximos da sua realidade. Inculir nele uma vivência diferenciada, onde o olhar seja treinado para identificar beleza e história, onde antes poderia parecer apenas mais um local ou uma prática obsoleta ou que às vezes causava vergonha nas novas gerações. (SILVA, 2019, p. 32).

Diante disso, até mesmo o professor Z, que leciona a 6 anos, e que tem o conhecimento da educação patrimonial, mas que não fala sobre os patrimônios da cidade em suas aulas, fica aberto a possibilidade de buscar outras formas de ensinar, inclusive unindo história, educação patrimonial e turismo para aproximar os alunos e a realidade que os cerca. Contudo, também é possível que mesmo sabendo da importância desses temas, os professores prefiram priorizar os conteúdos já determinados pelos superiores a serem ensinados. Já que não é porque alguém reconhecem a grandiosidade de uma metodologia que este fará uso de tal, bem como nem todos os alunos podem aceitar fazer parte do trabalho. Como diz Laraia (2002) “nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura”.

#### 4.2 IDENTIFICAÇÃO DO ESTUDO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL ASSOCIADO AO TURISMO E A DISCIPLINA DE HISTÓRIA

Outro questionamento feito aos professores foi: Você acredita que é importante o ensino da educação patrimonial nas escolas? Por quê? Aqui o intuito era identificar o nível de importância dada a esta temática pelos professores a ponto de eles mencionarem e até mesmo elaborarem projetos voltados ao tema. Acompanhe as respostas dos mesmos:

Sim, por que provoca no aluno a curiosidade, de querer conhecer mais sobre o assunto. (W)

Considero importante. Porque os(as) alunos precisam entender que se faz necessário cuidar e valorizar da Escola onde estuda. (X)

Sim, Tal perspectiva histórica é importante, mas não tanto, diante do conteúdo essencial que é o contexto de tais construções. (Y)

Sim, para que os alunos possam entender a importância da preservação desses patrimônios, bem como a história relacionada à eles. (Z)

Consta-se a unanimidade entre os professores de que o ensino da educação patrimonial nas escolas é importante. Para Horta; Grunberg; Monteiro (1999)

A metodologia da Educação Patrimonial pretende ser um instrumento valioso para o trabalho pedagógico dentro e fora da escola. Para alcançar a multiplicação das idéias e conceitos propostos, no campo da educação sobre o patrimônio cultural é importante que se faça um treinamento com os agentes que irão desenvolver este trabalho nas escolas, nas associações de bairros, ou em qualquer espaço ou grupo social que se pretenda sensibilizar. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 44).

As respostas dos professores, de certa forma, também se enquadram no pensar de Silva (2019), “ao pensarmos a temática da educação patrimonial estamos buscando novas formas de entender e estudar a história nas escolas.” E esse pode ser o pontapé para que a temática seja falada com mais frequência dentro e fora das escolas.

Embora haja uma concordância entre os professores, há também uma pequena controvérsia na fala do professor Y, pois este vê importância maior nos conteúdos, portanto, pode-se dizer que, um indivíduo que assim enxerga, elabora suas aulas de acordo com o que ele determina como essencial baseado nos conteúdos a ele apresentado. Isto posto, é possível que nesses momentos nos deparemos com o limitado uso da transversalidade durante o processo de ensino-aprendizagem. Mas, essa dicotomia do eu e o outro, parte da nossa própria visão de mundo. Para Laraia (2002) “o fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural.” E é natural os mais velhos serem considerados detentor da sabedoria, pois eles têm uma carga vivida muito maior.

Ainda com relação aos conteúdos, o quadro abaixo mostra os conteúdos cadastrados no Diário Digital estabelecido pela Secretaria de Estado de Educação e Desporto – SEDUC para turmas do 2º ano do ensino médio.

**Quadro 03: Conteúdos da disciplina de História, 2º anos do Ensino Médio.**

UNIDADE DIDÁTICA	OBJETO DE CONHECIMENTO
O MUNDO BURGUES EM EXPANSÃO	-A BELLE EPOQUE AMAZÔNICA: APOGEU DA ECONOMIA GUMÍFERA E A TRANSFORMAÇÃO DAS CIDADES DO NORTE.

	<p>-A BELLE EPOQUE E SEUS DESDOBRAMENTOS NO BRASIL.</p> <p>-A CIÊNCIA EM MARCHA E AS NOVAS TECNOLOGIAS.</p> <p>-A EXPANSÃO NORTE-AMERICANA.</p> <p>-O AMAZONAS E AS CRISES POLÍTICAS DA PRIMEIRA REPÚBLICA.</p> <p>-O IMPERIALISMO EM QUESTÃO: A PARTILHA DA ÁSIA E DA ÁFRICA.</p> <p>-O MOVIMENTO MODERNISTA E A REVOLUÇÃO DE 1930.</p> <p>-O MUNDO URBANO: OS TRABALHADORES E SUAS LUTAS.</p> <p>-POLÍTICA, ECONOMIA E CONFLITOS SOCIAIS NA PRIMEIRA REPÚBLICA: O MODELO POLÍTICO, AS RIQUEZAS (CAFÉ E BORRACHA).</p> <p>-REVOLTAS DO POVO.</p>
<p>O MUNDO COLONIAL E SUAS SOCIEDADES</p>	<p>-A CONQUISTA DA AMAZÔNIA (XVI-XVIII): A ESTRUTURAÇÃO ADMINISTRATIVA E AS POLÍTICAS INDIGENISTAS.</p> <p>-A IGREJA NA AMAZÔNIA: DA HEGEMONIA MISSIONÁRIA AO FORTALECIMENTO DO CLERO SECULAR E ATUAÇÃO INQUISITORIAL.</p> <p>-A POLÍTICA DO MERCANTILISMO.</p> <p>-ÁFRICA E O TRÁFICO ATLÂNTICO</p> <p>-O IMPÉRIO HISPÂNICO E A COLONIZAÇÃO NA AMÉRICA PORTUGUESA.</p>
<p>A CRISE DO ABSOLUTISMO E DO SISTEMA MERCANTILISTA</p>	<p>-A DITADURA DE POMBAL E SUAS REFORMAS.</p> <p>-A DITADURA DE POMBAL E SUAS REFORMAS: A CRIAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DA CAPITANIA DE SÃO JOSÉ DO RIO NEGRO.</p> <p>-A DITADURA DE POMBAL E SUAS REFORMAS: OS INDÍGENAS SOB O DIRETÓRIO.</p> <p>-A DITADURA DE POMBAL E SUAS REFORMAS: OS TRATADOS DE MADRI E DE SANTO IDELFONSO.</p> <p>-ABSOLUTISMO.</p> <p>-O ILUMINISMO.</p> <p>-O IMPÉRIO LUSO-BRASILEIRO EM TEMPOS DE CRISE.</p> <p>-REVOLUÇÕES BURGUESAS: INGLATERRA E FRANÇA.</p> <p>-REVOLUÇÕES E INDEPENDÊNCIAS NAS</p>

	AMÉRICAS.
O MUNDO DA INDÚSTRIA	-A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E A EXPANSÃO DO CAPITALISMO. -AS REPÚBLICAS AMERICANAS. -AS REVOLTAS ESCRAVAS NO BRASIL. -O BRASIL E A CRISE DA ESCRAVIDÃO -O BRASIL NO TEMPO DA REGÊNCIA. -O IMPÉRIO DO BRASIL E SUA FORMAÇÃO. -O NACIONALISMO NA EUROPA. -O PROCESSO DE INCORPORAÇÃO DA AMAZÔNIA AO IMPÉRIO DO BRASIL: A CONSTITUIÇÃO DA PROVÍNCIA DO PARÁ E A COMARCA DOO ALTO AMAZONAS. -O PROCESSO DE INCORPORAÇÃO DA AMAZÔNIA AO IMPÉRIO DO BRASIL: A PROVÍNCIA DO AMAZONAS E A ECONOMIA EXTRATIVISTA. -TRABALHADORES E O MUNDO NAS FÁBRICAS: NOVOS PROJETOS DE SOCIEDADE.

Fonte: arquivos da autora, 2021.

Diante dos conteúdos acima expostos, verifica-se que para cada Unidade Didática cadastrada, há ao menos dois conteúdos, classificados como objeto do conhecimento, sobre a Amazônia. Assim, se os professores buscassem encaixar a educação patrimonial e o turismo nesses conteúdos, é provável que haveria contribuição para a valorização da identidade local, sem interferir nos conteúdos “obrigatórios”, porém aproximando as temáticas, turismo e educação patrimonial, considerando o contexto da história, como se refere o professor Y, “do conteúdo essencial que é o contexto de tais construções”. Conforme Ribeiro (2019, p. 22), “o historiador na busca de construir conhecimento histórico sobre o passado, e num esforço retórico e pedagógico, confere sentido ao seu discurso, ao construir sua versão sobre a história”. Dessa maneira, não muito diferente, os professores de história também perpassam seu conhecimento de acordo com sua interpretação do passado, atribuindo assim, valor maior em determinados conteúdos.

#### 4.3 A ÓTICA DO PROFESSOR DE HISTÓRIA A RESPEITO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O TURISMO COMO FERRAMENTA DE ENSINO E VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE AMAZÔNICA

As últimas indagações nos levam a enxergar a perspectiva dos professores sobre a educação patrimonial e o turismo como ferramenta de ensino e se eles veem nos alunos algum apreço a identidade amazônica. À vista disso, foi perguntado aos professores: Qual

sua opinião em relação ao uso da educação patrimonial e o turismo como ferramenta de ensino na disciplina de história?

É de grande importância porque possibilita o indivíduo a fazer a leitura do mundo que o rodeia. (W)

Tal disciplina pode ser usada para que os alunos(a) valorizem nosso Estado e suas potencialidades turísticas. (X)

Deve ser incentivada, além da simples adoração arquitetônica. (Y)

Acho que pode ser útil, o problema hoje é sair da escola com os alunos devido a violência na cidade. (Z)

Você acha que os alunos valorizam a identidade amazônica? Por quê?

Não valorizam, por que acredito que é pouco falado nos livros didáticos. (W)

Muito pouco. (X)

Conhecem pouco. (Y)

Não tenho essa avaliação. (Z)

Você acredita que o fato de conhecer a história de sua cidade faz surgir o sentimento de pertencimento? Por quê?

Sim, Por que é a história do nosso povo da nossa cultura, e também uma forma de manter viva a tradição cultural do nosso povo. (W)

Posso dizer que sim. Quando conhecemos melhor nossa história e a história de nossa cidade, temos subsídios para enxergar as dificuldades e indicar caminhos para melhorias. O sentimento de pertencimento me parece algo irrelevante entre nossos jovens. (X)

Sim, simples lógica. (Y)

Acredito que sim, por ser a história que faz sentido para os alunos. (Z)

Cardoso (2019, p. 19) acredita que “faz-se necessário que os professores busquem novas alternativas de ensino que proporcionem ao estudante a habilidade de ressignificar o fato histórico estudado”. E de acordo com a fala dos professores, a educação patrimonial e o turismo contribuem para o ensino-aprendizagem dos estudantes, como diz o professor W, “porque possibilita o indivíduo a fazer a leitura do mundo que o rodeia” e o professor X complementa com, “pode ser usada para que os alunos valorizem nosso

Estado e suas potencialidades turísticas”. Dessa forma, nota-se uma certa predisposição que esses professores têm em usar os temas em sala, o que falta é um pouco mais de incentivo por parte do corpo escolar em si, pois sabe-se que nem tudo depende somente do professor, já que este também deve seguir ordem de uma coordenação superior a ele. Schneid (2014) lembra que em várias esferas educacionais do Brasil, o ensino de história está inserido em uma crise e carece de materiais pedagógicos que valorizem a história local dentro dos conteúdos programados nas escolas. E, ainda segundo a autora, “grande parte das discussões a respeito de soluções para um ensino de história mais interessante, ou até mesmo o ensino em geral, giram em torno de propostas que despertem o interesse dos alunos, que façam algum sentido para sua vida.”

De fato a grande maioria dos estudos sobre turismo e educação patrimonial levam a um único caminho, o de que ambos são ferramentas mais que úteis para o ensino de qualquer natureza, e não somente no âmbito escolar, no entanto, a grande controvérsia é justamente o modo, ou sua aplicabilidade na realidade das escolas, ou seja, os que se dispõem, e os que deveriam, fazer o uso dessa metodologia a aplica de maneira diferente ou simplesmente prefere não usar a mesma por inúmeros motivos, tais como pouco conhecimento sobre as temáticas, pouco incentivo do corpo escolar, os temas não constar nos livros didáticos, entre outros. Continuando assim, um ensino da história sistemático, padronizado, sem muito contato com o contexto do mundo externo aos muros das escolas, tendo como pilar somente os livros didáticos padronizados. Em concordância com Schneid (2019, p.20), que “pode-se afirmar de antemão, que a carência de materiais pedagógicos que auxiliem o professor a trabalhar a história do município se torna um obstáculo no ensino da história local, fato comum em grande parte dos municípios do país”, tem-se a fala do professor W, que ao ser questionado sobre seu ponto de vista a respeito da valorização da identidade amazônica pelos alunos, disse que eles “não valorizam, por que acredito que é pouco falado nos livros didáticos”.

E quando se trata das esferas da educação, básico e superior, temos outra grande divergência quanto as metodologias ditas “certas”, ou melhor, condizentes com o grau de instrução dos que assumem o papel de ministrador dos conteúdos, isto é o professor. Dentro do próprio ensino básico, tem-se uma diferenciação na metodologia, devidos vários fatores, que não se resume a idade dos estudantes. Tem-se o principal que é o professor, pois este vai analisar o melhor método e técnica para ensinar os alunos na tentativa de se alcançar a máxima aprendizagem. E ao assumir esse papel de orientador

do conhecimento, o professor leva embutido, quer seja consciente ou não, toda sua carga cultural, seus hábitos, seus modos de saber fazer, enfim, carrega sua herança cultural.

Segundo Schneid (2019),

Para se trabalhar a História a partir da experiência de vida do aluno faz-se necessária uma perspectiva teórico-metodológica que fale da vida das pessoas, das memórias e das lembranças dos sujeitos de todos os segmentos sociais. Em outras palavras, é preciso dar voz às histórias desses sujeitos, que sempre estiveram excluídos dos conteúdos ensinados.

Neste sentido, produzir ações de pesquisa e ensino relacionadas à cultura em que uma comunidade escolar está inserida torna-se uma atividade primordial para que a educação faça sentido para estes sujeitos, tendo em vista que, ao encontrar na História os referenciais culturais da comunidade estudada e dos sujeitos envolvidos, propõe-se uma metodologia capaz de apontar saberes e princípios de pertencimento histórico. (SCHNEID, 2019, p. 21)

Com as respostas obtidas dos questionamentos feitos junto aos professores, verifica-se que os mesmos, notaram que os alunos pouco conhecem e valorizam a identidade amazônica. E cabe aqui novamente fazer uma ressalva na fala do professor W, na qual se afirma acreditar que os alunos não valorizam devido a falta de destaque nos livros didáticos. E é aqui que se encontra a oportunidade de trabalhar o turismo e a educação patrimonial nas escolas como aponta Schneid (2019, p. 21), “nesse sentido, a educação patrimonial proporciona a ligação do presente com o passado por meio da identificação e valorização do patrimônio, que pode ser algo muito próximo do aluno, que também faz parte da “sua” história”. Também é preciso comentar dentro das escolas que o Estado pode contar com a atividade turística para movimentar sua economia, principalmente em função da natureza e de alguns aspectos culturais locais, como as comunidades ribeirinhas e a cultura indígena. Portanto, tem-se a educação patrimonial com o objetivo de reconhecimento, valorização e preservação do patrimônio cultural local, e o turismo, ao se relacionar com eles, busca a afirmação identitária e reacender a economia local. Godinho (2016) ressalta que

“A cultura é hoje um dos principais atrativos no interesse pelo destino. Ela estimula a competição no mercado turístico e o Patrimônio Cultural proporciona o aumento da demanda turística nacional e internacional. Por isso, precisa-se evitar colocá-lo em posição de mera mercadoria turística. Deve haver um equilíbrio da utilização do patrimônio pelo turismo e uma boa gestão, para que não haja impactos negativos na memória identitária da comunidade. (GODINHO, p. 44).

Quando uma pessoa reconhece que faz parte de determinado local, ela desperta o sentimento de querer cuidar do local, é o que chamamos de sentimento de pertencimento. Conforme as respostas dos professores, eles acreditam que o fato de conhecer a história

de sua cidade faz surgir o sentimento de pertencimento. Para Cardoso (2019, p. 19), “identificar-se com o local onde se vive ajuda a compreender o sentimento de pertencimento e suas relações com o meio social e cultural no qual está inserido”. A partir das respostas dos professores, as quais são positivas para a questão de que conhecer a história de sua cidade faz surgir o sentimento de pertencimento, seja pela simples lógica, como diz o professor Y, ou por ser a história que faz sentido para os alunos, conforme o professor Z. Supõe-se então, que os professores atestam a importância de se ensinar mais sobre a história local, a fim de despertar em seus alunos o interesse pelo seu legado cultural. Mas vale apontar que, como já evidenciado acima, somente foi encontrado conteúdos acerca da história local na 2ª série do ensino médio, o que nos leva a refletir como ainda é mínimo o destaque dado a história local na educação básica no país. E isso reflete no pouco conhecimento que a comunidade tem sobre sua história, além da perpetuar a supremacia cultural de alguns Estados e o detrimento de outros. E isso é muito comum no Brasil, mesmo este sendo um país multicultural e miscigenado, porém é corriqueiro vermos os estereótipos circulando no país e uma forte xenofobia praticada com alguns Estados, principalmente os da Região Norte e Nordeste.

Ainda é possível ver semelhança na fala de Cardoso (2019, p. 12) que pensa no uso da história local como auxílio para os alunos no reconhecimento como cidadão e a compreensão e identificação dos lugares de memória por parte dos alunos e desperta o sentimento de pertencimento pelo local, induzindo também o interesse pelo passado criando uma relação com o seu cotidiano. E na fala do professor W, estudar a história local acende o sentimento de pertencimento “por que é a história do nosso povo da nossa cultura, e também uma forma de manter viva a tradição cultural do nosso povo” e para o professor X “quando conhecemos melhor nossa história e a história de nossa cidade, temos subsídios para enxergar as dificuldades e indicar caminhos para melhorias.” No entanto, a mesma afirma que “o sentimento de pertencimento me parece algo irrelevante entre nossos jovens”. Até então, Cardoso (2019) assegura que “se há reconhecimento, haverá também o sentimento de pertencimento que poderá ajudá-los a manter ou modificar a realidade que os cerca”.

Por fim, como já mencionado anteriormente, Laraia (2002) aponta que a cultura condiciona a visão de mundo do homem e este participa de maneira diferente de sua cultura, dado isso, a cultura se mostra dinâmica, tendo sua própria lógica, o que provavelmente condicionará e implicará na diferença e importância que cada professor concede ao turismo e a educação patrimonial a partir do momento em que este é quem

deverá trabalhar ambas em suas aulas. Isso significa que serão aspectos definidores a familiaridade, intenção, motivação e preparação por parte dos professores em relação aos temas a serem ensinados em sala de aula. Vale ressaltar que isto vale para todos que trabalham com educação.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em razão de um estágio, o que proporcionou a experiência pessoal a ser vivida dentro de uma sala de aula junto a um professor, e assim, poder expor um pouco da história, cultura e do turismo da nossa região para os alunos, foi possível sentir que eles, aos poucos, foram despertando interesse pela história local, por isso, levantou-se a questão-problema desta pesquisa, estando relacionada com a disciplina de história e tendo o professor como protagonista da pesquisa.

Esta pesquisa teve como objetivo analisar como as escolas estaduais de Manaus trabalham nas aulas de história a educação patrimonial e o turismo como item de conhecimento e resgate da identidade amazônica. A partir disso, buscou-se então, verificar a percepção de um dos atores do ambiente escolar, que estão em total contato com os estudantes, os professores.

Durante o processo de coleta de dados, uma das maiores dificuldades encontradas foi conseguir entrar em contato com os professores, já que para conversar com eles era preciso, primeiro, se apresentar à direção da escola. Das sete escolas escaladas para realização da pesquisa, somente duas se disponibilizaram prontamente a colaborar. Não ficando claro o motivo desse dificultoso acesso à direção, mas na maioria das escolas visitadas não foi possível falar com o gestor ou pedagogo. Isto evidencia como os ambientes, tanto escolar da educação básica quanto o superior, ainda possuem certa dificuldade em se combinar para incorporar um elemento no outro em busca da produção científica. Já que esta última por sua vez, resulta em produção de conhecimento tendo como objetivo, contribuir para o desenvolvimento da sociedade.

Outro ponto a ser lembrado, foi a interferência que esta pesquisa sofreu por causa da pandemia do novo Coronavírus, o COVID-19, já que a área de estudo foram as escolas estaduais, as mesmas ficaram com as portas fechadas por um certo período de tempo, e no retorno das atividades escolares, o tempo da coleta de dados ficou reduzido. É importante destacar outro fator negativo que aconteceu no decorrer da pesquisa, e ainda em decorrência da pandemia, foi o uso de formulário online, que veio ganhando forças durante a pandemia como uma ferramenta que supera os obstáculos da modalidade não-presencial, contudo, para esta pesquisa se mostrou não muito aproveitável, pois os professores pouco mostraram interesse em respondê-los.

Então, houve um momento que para entrar em contato com os professores, seja presencialmente nas escolas ou via plataformas digitais, revelou-se um movimento longo

e lento. Todavia, no final, tudo foi resolvido com muita calma e diligência no intuito de se alcançar os objetivos propostos nessa pesquisa, e trazer assim, um resultado satisfatório.

No retorno desta pesquisa, observou-se que os professores têm conhecimento da educação patrimonial, e que junto do turismo, colaboram para o ensino da história. Mas ainda se mostram pouco envolvidos com as temáticas a ponto de trazê-las mais vezes para dentro de sala e isso implicará na forma de como os alunos continuarão a ver sua história, pois de fato, o professor, querendo ou não, é um dos grandes indutores e motivadores para que os alunos busquem por conhecimento.

Com relação ao turismo, percebe-se que este é mais comentado em sala, principalmente quando se trata de conteúdos sobre a história do Amazonas, a exemplo, o período áureo da borracha. Diferentemente da educação patrimonial, que nem sempre é explorada nos conteúdos. Constata-se assim, e de acordo com os professores, que os alunos pouco se apoderam de seu patrimônio e não se identificam com a sua cultura.

Por fim, é notório que apesar de existir novos métodos, ainda há resistência em se trabalhar com novas metodologias de ensino, enquanto o olhar sobre o aluno não mudar, nada adianta criar métodos de ensino. O adulto, aqui incluso o corpo docente, entra em contradição ao discursar que o futuro do país são as crianças e os jovens, mas este mesmo adulto não se empenha em mostrar um caminho correto a ser trilhado por esses futuros adultos. E a escola, que tomou pra si, o papel de “formar cidadãos críticos” capazes de mudar o lugar que os rodeia, muitas vezes olha para esse aluno como um ser, ainda sem opinião, e quanto mais novo é esse ser, menos domínio próprio tem, e já os adolescentes, são vistos como um ser incapaz de assumir qualquer responsabilidade. Desse modo, se quisermos que os estudantes da rede pública se tornem conhecedores da sua história, e que consigam lincar essa história ensinada na sala de aula, com sua realidade e vivências, é preciso entender, também, que nosso sistema educacional público carece de uma “reforma”. Essa mudança também serve para os professores, pois eles precisam buscar, sempre que lhes for possível, mudar a forma de abordagem dos conteúdos em sala de aula, mesclar mais o mundo interno da escola com o externo, mostrando aos alunos que a busca pelo conhecimento não se restringe em uma sala de aula e um livro didático.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Kerley dos Santos; BERNARDINO, Mariany Donato. Conviver: sentimento de pertencimento no processo de inclusão dos moradores da cidade turística, Ouro Preto (MG). **Alemur** vol. 4. 2019, pp 1-12. Disponível em < <https://periodicos.ufop.br/alemur/article/download/1984/3130/> > Acesso em: 11 jun. 2021.
- ARAGÃO, Ivan Rêgo; SANTOS, Saulo Ribeiro dos; SILVA, Saulo Rondinelli Xavier da. Turismo Cultural e Educação Patrimonial nos centros antigos de São Cristóvão – SE, São Luís – MA e Ilhéus – BA. **Fronteiras: Revista de História**. v. 21. n. 38. p. 155 – 181. Jul. - Dez. 2019. Disponível em < <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/download/11492/5626> > Acesso em: 02 set. 2021.
- BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento**. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 12 ed. São Paulo: Ed: SENAC, 2007.
- CARDOSO, Tatiana Melo. **São Francisco de Paula: O ensino de história e a identidade local**. 2019, 98f. Dissertação (Mestrado em turismo e hospitalidade). Universidade de Caxias do Sul – UCS. Caxias do Sul, RS: UCS, 2019.
- CARNEIRO, Allan; TUPINAMBÁ, Aline; ARRUDA, Rila. **Cartilha de educação patrimonial: patrimônio histórico e cultural de Manaus**. 1. ed. Manaus, AM: ProAmazôniaSEDUC, 2021.
- CERQUEIRA F. V. Patrimônio Cultural, Escola, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável. **Diálogos** – Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História: Editorial Universidade Estadual de Maringá, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 91-109, 2005. Disponível em < <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41420/21736> > Acesso em: 10 mar. 2020.
- EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: Histórico, conceitos e processos**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Cartilha, 2014. Disponível em < [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao\\_Patrimonial.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf) > Acesso em: 02 mar. 2020.
- GIL, Antônio Carlos, 1946 - **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- GODINHO, Taysa Kennia. **Cidade patrimônio da humanidade e desenvolvimento turístico: percepção sobre a realidade de Diamantina, MG**. 2016, 177f. Dissertação (Mestrado em Ciências – Programa de Pós-graduação em Turismo, Escola de Artes, Ciências e Humanidade). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 11. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Disponível em < <https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf->

[com\\_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf](#) > Acesso em: 14 set. 2021.

HORTA, M. L.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia Básica de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999. Disponível em <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia\\_educacao\\_patrimonial.pdf.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf)> Acesso em: 10 mar. 2020.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 15. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

MANHÃES Bruno; LOCATELLI, Adriana. Questão de educação: como o turismo ensina?. **Observatório de Inovação do Turismo** - Revista Acadêmica Vol. VI, nº 1, Rio de Janeiro, mar. 2011. 23 p. Disponível em <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/raoit/article/download/3491/1618>> Acesso em: 07 mai. 2021.

MATOS, Alexandre Pena. Educação patrimonial nas escolas de ensino fundamental e médio: a cultura material no bem cultural familiar. **MÉTIS: história & cultura** – v. 8, n. 16, p. 277-290, jul./dez. 2009. Disponível em <<http://ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/962/684>> Acesso em: 19 fev. 2020.

MELO, Alessandro de; CARDOZO, Poliana Fabiula. Patrimônio, turismo cultural e educação patrimonial. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 36, nº. 133, p. 1059-1075, out.-dez., 2015. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/es/a/6DS4HvLb67DQC7ZnxHHQSzy/?format=pdf&lang=pt>> Acessado em: 30 mai. 2021.

Ministério da Educação. **Constituição da República Federativa do Brasil 1988**. Brasília, 1989.

NASCIMENTO, Ludimilla Lopes Pereira. **Educação patrimonial em São Vicente: um estudo do pertencimento e da valorização do patrimônio cultural**. 2015, 71f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ensino Superior do Seridó. Departamento de Ciências Sociais e Humanas. Curso de Turismo-Bacharelado. Currais Novos, RN, 2015.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **METODOLOGIA CIENTÍFICA: um manual para a realização de pesquisas em administração**. Catalão, GO: UFG, 2011.

OLIVEIRA, Alana Patrícia Pires de; JESUS, Edilza Laray de. **Contribuições da educação patrimonial para o turismo na cidade de Manaus Amazonas: estudos exploratórios**. [s.d.]. 15f. Disponível em <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Geografiasocioeconomica/Geografiaturistica/01.pdf>> Acessado em: 03 set. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. – 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, Fabiano Gomes Cavalheiro. **Ensino de história, diversidade e documentário: O festival internacional de folclore e o jogo Identitário de Nova Petrópolis**. 2019, 87f. Dissertação (Mestrado em turismo e hospitalidade). Universidade de Caxias do Sul – UCS. Caxias do Sul, RS: UCS, 2019.

RODRIGUES, Marly. **Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo**. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime. Turismo e patrimônio cultural. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 15-24.

SANTOS, Pedro Antônio dos; KIENEN, Nádia; CASTINEIRA, Maria Inés. **Metodologia da Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2015.

SCHNEID, Carla Rejane Barz Redmer. **Educação Patrimonial: projetos de ensino por meio de bens patrimoniais do Município de São Lourenço do Sul (RS)**. 2014, 140f. Dissertação (Mestrado Profissional em História, pesquisa e vivências de ensino-aprendizagem - Programa de Pós-graduação em História) - Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande, 2014.

SILVA, Reginaldo Rossetto da. **A educação patrimonial como caminho para o conhecimento da história de Boa Vista do Sul**. 2019, 204f. Dissertação (Mestrado em turismo e hospitalidade). Universidade de Caxias do Sul – UCS. Caxias do Sul, RS: UCS, 2019.

SOUZA, Ivana Carolina Alves da Silva; SILVA, Francisca de Paula Santos da. Educação para o turismo: uma análise das práticas pedagógicas no ensino fundamental. Universidade de Caxias do Sul: **Semintur**. 2010. Disponível em < [https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/educacao\\_para\\_o\\_turismo.pdf](https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/educacao_para_o_turismo.pdf) > Acesso em: 26 mai. 2021.

UNESCO – **Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura**. Disponível em < <http://www.unesco.org.br/> > Acesso em: 18 set. 2021.

VARELA, Regis Flávio Oliveira. **Educação patrimonial e histórica: estratégias didáticas em escolas do município de Assú/RN**. 2019, 214f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidad Autónoma de Asunción. Asunción, Brasil, 2019.

## APÊNDICES

### Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – TCLE**

(Conforme Resolução CNS no 466/2012 e 510/2016)

Convidamos o (a) Sr. (a) \_\_\_\_\_ para participar da pesquisa intitulada *EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E TURISMO: uma união com a disciplina de História em direção ao conhecimento e a valorização da identidade amazônica*, desenvolvida pela pós-graduanda Joicynilde Freitas Boneth, estudante do Curso de Turismo da Universidade do Estado do Amazonas e orientada pela Professora Lúcia Cláudia Barbosa Santos, Esp.

Esta pesquisa tem como objetivo: Analisar como as escolas estaduais do centro de Manaus trabalham nas aulas de história a educação patrimonial e o turismo como item de conhecimento e resgate da identidade amazônica.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária e se dará por meio de entrevistado.

Os riscos decorrentes de sua participação nesta pesquisa são: possibilidade de constrangimento, desconforto ou cansaço ao responder o questionário. Entretanto, como forma de minimizar/evitar tais riscos suas respostas serão confidenciais, prevalecendo o anonimato, portanto haverá garantia de sigilo, bem como você poderá interromper a entrevista a qualquer momento.

Esclarecemos que se V.Sa. aceitar participar desta pesquisa contribuirá para o fortalecimento e construção de novos conhecimentos na área da educação, dos patrimônios locais e do turismo, da mesma maneira, colaborará na busca de reforço do conhecimento e valorização da identidade amazônica.

Tal cultura possibilita a busca por respostas às inquietações que surgem na profissão e colabora para reforçar a identidade do Secretariado como área de conhecimento em construção.

Assim, após a realização da pesquisa e validação dos dados os participantes receberão os resultados, se assim desejarem, em forma de relatório via e-mail.

Se depois de consentir a sua participação o (a) Sr (a) \_\_\_\_\_ desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa.

Ressaltamos que o (a) Sr (a) \_\_\_\_\_ não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração por participar desta pesquisa.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificá-lo (a), será mantido em sigilo.

Os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob a guarda e responsabilidade da pesquisadora, serão arquivados por um período de 5 anos após o término da pesquisa e se necessário poderão ser acessados junto a pesquisadora.

Informo-lhe ainda que esta pesquisa será orientada por Lúcia Cláudia Barbosa Santos, Esp., que poderá ser contatado pelo e-mail: lcsantos@uea.edu.br, para qualquer esclarecimento.

Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) \_\_\_\_\_ poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável por esta pesquisa no endereço: Rua Criciúma, nº 131, Alvorada I e pelo telefone (92) 99396 3384.

### **Consentimento Pós-Infomação**

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado sobre os objetivos, benefícios e riscos da pesquisa acima descrita e compreendi as explicações fornecidas. Por isso, concordo em participar desta pesquisa, sabendo que não vou ter retorno financeiro e que posso sair a qualquer tempo.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador (a) responsável

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.  
Local, Data

## Apêndice B – Instrumentos da investigação

## QUESTIONÁRIO

Este questionário tem como objetivo analisar como os professores das escolas estaduais do Centro de Manaus trabalham nas aulas de história a educação patrimonial e o turismo como item de conhecimento e resgate da identidade amazônica.

Idade: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

1. Qual é o nome da escola em que você ministra aula de história?

\_\_\_\_\_

2. Para que série você ministra aula de história?

\_\_\_\_\_

3. A quanto tempo você é professor de história?

\_\_\_\_\_

4. Você já ouviu falar sobre a Educação Patrimonial?

( ) SIM

( ) NÃO

2. Se sim, você acredita que é importante o ensino da Educação Patrimonial nas escolas? Por quê?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3. Em suas aulas, você já trabalhou alguma vez com os Patrimônios da cidade?

( ) SIM

( ) NÃO

4. Se sim, cite qual/quais

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5. Em suas aulas, você já mencionou alguma vez sobre a atividade turística na cidade?

( ) SIM

( ) NÃO

6. Se sim, durante qual conteúdo ministrado você mencionou o turismo?

---

---

---

7. Você acha que os alunos valorizam a identidade amazônica? Por quê?

---

---

---

---

---

8. Qual sua opinião em relação ao uso da Educação Patrimonial e o Turismo como ferramenta de ensino na disciplina de história?

---

---

---

---

---

9. Você acredita que o fato de conhecer a história de sua cidade faz surgir o sentimento de pertencimento? Por quê?

---

---

---

---

---